



Autorias indígenas: aportações para fazer valer o ensino da temática indígena nas escolas

Indigenous authorship: contributions to enforce the teaching of indigenous themes in schools

Ademario Souza Ribeiro

Universidad Interamericana (UI)
ademarioribeiro2015@gmail.com

Raphael Fontes Cloux

Universidad Interamericana (UI)
raphaelcloux@gmail.com

RESUMO: Este artigo se propõe a apresentar em linhas gerais o que foi proposto durante dois eventos realizados pelo ODEERE – Órgão de Educação e Relações Étnicas da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Campus de Jequié, no Estado da Bahia, em novembro de 2018 e em novembro de 2019, quando ministramos palestras, minicursos, oficinas e participamos de mesas redondas – tendo como princípios teóricos, discutir e refletir acerca do ensino da temática indígena nas escolas da Educação Básica do Brasil e apresentar as autorias indígenas enquanto aportações contributivas para a aplicabilidade da Lei 11,645/08 a qual torna obrigatório o ensino em consideração.

Palavras-chave: Ensino da Temática Indígena; Autorias Indígenas; Perspectivas; Abordagens.

ABSTRACT: This paper aims to present in outline what was proposed during two events held by ODEERE - Organ of Education and Ethnic Relations of the State University of Southwest Bahia, Jequié Campus, State of Bahia, November 2018 and November of 2019, when we gave lectures, short courses, workshops and participated in round tables - having as theoretical principles, discuss and reflect on the teaching of indigenous themes in schools of Basic Education in Brazil and present indigenous authorship as contributions contributing to the applicability of the Law. 11,645/08 which makes the teaching under consideration compulsory.

Keywords: Teaching Indigenous Thematic; Indigenous Authorship; Perspectives; Approaches.

DOI: 10.22481/odeere.v4i8.6236

Este artigo se propõe a apresentar em linhas gerais as premissas teóricas do que foi proposto em nossa participação em dois eventos realizados pelo ODEERE – Órgão de Educação e Relações Étnicas da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Campus de Jequié, no Estado da Bahia, em novembro de 2018 e em novembro de 2019, quando ministramos palestras, minicursos, oficinas e participamos de mesas redondas, conforme, logo em seguida, traçaremos alguns detalhes desse processo como um todo.

Algumas dessas atividades aconteceram em 2018, no âmbito da programação da **XIV Semana de Educação da Pertença Afro-Brasileira**, durante o **Seminário de Educação Indígena** e, no ano de 2019, quando da realização do **II Fórum de Educação: Leis 10.639/03 e 11.645/08**, cujas atividades estavam contidas na programação da **XV Semana de Educação da Pertença Afro-Brasileira**.

Com a intenção de que você leitor(a) tenha uma melhor compreensão da nossa percepção, proposição, perspectiva e abordagem sobre o ensino da temática indígena naquelas oportunidades, preste a atenção ao que passaremos a explicar em seguida.

Quando do minicurso acontecido em novembro de 2018 com o título de: **Aportações para a (des)construção do Ensino da Temática Indígena**, nosso público alvo – nos dois momentos – foi de docentes e interessados(as) em na temática em consideração e sua ementa foi:

Levantamento de conhecimentos prévios (o que sei) e, das expectativas (o que quero saber) acerca do ensino da temática indígena), estudo de textos, realização de dinâmicas e confecção de materiais como sugestão de elementos ludo-pedagógicos e teórico-práticos, para possíveis intervenções com vistas à desconstrução da visão colonizadora e estereotipada dos povos indígenas, construção de novas abordagens e lógicas das histórias e culturas ameríndias e, problematizando aspectos que favoreçam a implementação da Lei 11.645/08.

O objetivo geral foi o de movimentar discussão e reflexões que favorecessem novas abordagens acerca das histórias e culturas dos povos indígenas. Os objetivos específicos foram os de estudar textos para contextualizar a proposta do minicurso; enfatizar a importância das novas abordagens e lógicas da nova antropologia e da nova história, acerca das histórias e culturas dos povos indígenas; realizar

atividades, executar dinâmicas e confeccionar materiais e, de contribuir pela implementação da Lei Nº 11.645/08.

Propomos que, daqui para frente façamos diferente com relação às nossas práticas a fim de não darmos continuidade com as velhas cópias dos tradicionais preconceitos, silenciamento, apagamentos e negações. **Agora são outros 500** – quer na educação formal e na educação não formal – isto é, que nossas intervenções tenhamos como estratégias pedagógicas as abordagens e perspectivas que desconstruam o que a lógica colonialista, cristã e ocidental impôs com sua escritocêntrica e, daí, rompermos em favor de um novo ensino ve de uma nova aprendizagem acerca da temática indígena que, entre outras bases **não mais**:

- Folclorizar e nem generalizar o indígena, inclusive ao vestir as crianças com cocares ou pintá-las. Cada povo/etnia tem seus modos;
- Representar o indígena como um ser à parte da sociedade ocidental, que anda nu pela mata e vive da coleta e caça e, congelado nos primeiros séculos da colonização (FREIRE, 2009, p. 81-102)¹.
- Tratar o indígena sem o errôneo termo “índio”. De acordo com Crespo (2013, p. 63)² o escritor Daniel Munduruku diz em suas palestras de que não é índio, pois como sabemos este termo é um elemento químico número 49 da tabela periódica. Devemos falar sobre as sociodiversidades étnicas indígenas, do número de línguas, das condições de vida, das agências que os povos indígenas travam desde o século XVI e de suas contribuições à formação do povo brasileiro;
- Fazer do 19 de abril o único dia do “índio” e sim, dos povos indígenas na escola, e, inclusive, lembremos de do 9 de agosto é o Dia Internacional dos Povos Indígenas;
- Reproduzir as casas e aldeias de maneira simplificada, com maquetes de ocas.

A propósito, de nossa autoria, leia o poema abaixo:

¹FREIRE, José Ribamar Bessa. **Cinco ideias equivocadas sobre o índio**. In: **Educação, cultura e relações interétnicas**/Ahyas Siso, Aloisio Jorge de Jesus Monteiro (orgs.); Amparo Villa Cupolillo... (et al.) – Rio de Janeiro: Quartet; EDUR, 2009.

²CRESPO, Raphael. **Você é índio de verdade?** Revista Leetra Indígena, São Paulo, v. 2, nº 2, p. 61-66, 2013. Disponível em: <https://issuu.com/grupo.leetra/docs/leetra_vol2> Acesso em: 12.12. 2017.

AS COISAS COMO ELAS SÃO³

Se aprende na escola
Que casa de índio é OCA
(isso se for para os Tupí)
e é que também cola
se for para os Wayãpy.

Aonde Yanomami se toca
É bom não confundir
Ele chama de MALOCA
Mas para os Xavante é RI
Para os Pataxó é PÃHÃI
É SETHE para os Fulni-ô
Para os Karajá é HETÔ
Para os Munduruku é UK'A...

E para os Yawalapiti?
E para os Txukahamãe?
E para os Kirirí?
E para os Krahô?
E para os Maxakalí?
E para os Xakriabá?
E para os Kaaeté?
E para os Karajá?
E para os Kantaruré?...
É bom não se confundir
Não é um FEBEAPÁ
E não se fica em pé
Quando seguro não está!!!

³ RIBEIRO, Ademario. **As coisas como elas são**. In: Poética Poranduba – Eco Étnica. Salvador: Edição do Autor, 2001, p. 17.

Muito que se resgatar
 Para se prosseguir
 Muito que se reutilizar
 Para se garantir
 Muito que se reciclar
 Para se redistribuir
 Muito que se preservar
 Para se existir
 Para se existir
 As coisas como elas são
 É preciso reaprender
 Aprender a antiga e nova lição!

VALORIZAÇÃO PEDAGÓGICA

Chamamos a atenção para revermos as generalizações e praticar um novo olhar, uma nova aprendizagem sobre as sociodiversidades étnicas indígenas, como nesse exemplo, as habitações entre centenas de povos. Veja como será curioso estudar, pesquisar sobre as moradias indígenas e disparar uma abordagem interdisciplinar a fim de se verificar seus tamanhos; seus formatos (retangulares, circulares, pentagonais, ovais, coneificadas), etc.

Podemos, também refletir e calcular quanto tempo para ser construída; quantas pessoas são necessárias para construção; identificar quem participa da construção; pesquisar quais materiais são utilizados nessas construções; esses materiais são sustentáveis e são encontrados em qual região? Quantas moradias por família? Quantas pessoas habitam uma moradia? Quantas formam uma aldeia? O que, na cultura e história de cada povo/etnia se leva em conta para construir uma habitação, por exemplo: clima? Grau de parentesco? Quantidade de pessoas por família ou por outros vínculos ou por materiais disponíveis? Além de se poder estudar sobre ecologia, engenharia, geometria, matemática, geografia, saberes ancestrais e conhecimentos científicos, etc.

Outro momento foi a realização de duas oficinas: **A Importância das Línguas Indígenas: Urgência de sua Salvaguarda e Curiosidades do e no Idioma Tupí antigo**, e, **Dinâmicas da Pertinência e da Afinidade** (adaptação de uma abordagem

cognitiva de autoria do professor Daniel Silva⁴, para deflagrar a temática indígena), cuja ementa foi:

Estudo de textos, realização de dinâmicas e confecção de materiais como sugestão de elementos ludo-pedagógicos e teórico-práticos, para possíveis intervenções, desconstrução da visão colonizadora e estereotipada sobre as línguas indígenas, problematizando aspectos que favoreçam a valorização e preservação desses idiomas.

O objetivo geral: Movimentar discussão e reflexões que favoreçam novas abordagens acerca das histórias e culturas dos povos indígenas e, os específicos: Estudar textos para contextualizar a proposta do minicurso; Refletir acerca da importância das línguas indígenas e sua preservação; Enfatizar sobre 2019, **Ano Internacional das Línguas Indígenas**⁵ promulgada pela UNESCO; Realizar atividades, executar dinâmicas e confeccionar materiais; e; Contribuir pela implementação da Lei Nº 11.645/08⁶. Abaixo, apresentamos dois poemas de nossa autoria trabalhados com os professores(as) – nessas oportunidades e em momentos de Formação Continuada de Professores:

KOYRA⁷

(Rito de Iniciação da Criança ao Mito e Cultura do Povo/Etnia, Família e ou Nação)

Taujé kurumim, taujé (Bis)

Endé pyri mo-sã-sãia

Ta' poranga Monangareté! (Bis)

Ejori angekyia oré

⁴ SILVA, Daniel José da. **Uma Abordagem Cognitiva ao Planejamento Estratégico**. Tese de Doutorado, Universidade de Santa Catarina, Florianópolis, 1998. Disponível em: http://www.gthidro.ufsc.br/arquivos/tese_daniel_jose_da_silva.pdf Acesso em 15.09.2015

⁵ O Ano Internacional das Línguas Indígenas (*International Year of Indigenous Languages – IYIL*, 2019). Disponível em: <http://www.unesco.org/new/pt/brasil/pt/about-this-office/prizes-and-celebrations/2019-international-year-of-indigenous-languages/> Acesso em: 19.10.2018.

⁶ BRASIL. **Lei Nº 11.645 de 10 de março de 2008**. Altera a Lei Nº 9.349 de 20 de dezembro 1996, modificada pela Lei No 10.639 de 9 de março de 2003. Diário Oficial da União, 2008. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Lei/L11645.htm>. Acesso em: 10.07.2014.

⁷ RIBEIRO, Ademário. **Koyra “Hoje, tempo de agora”**. In: Poética Poranduba – Eco Étnica. Salvador: Edição do Autor, 2001, p. 7-8.

Oré r-eyî (Bis)

Mingó rekó rupi
Jandé koyr iá-bé!

HOJE, TEMPO DE AGORA

(Tradução do Tupi para o Português do Rito acima)

“Vamos indo, menininho, vamos indo! (Bis)
Junto de ti espalhar
Na taba formosa a Força de Deus! (Bis)
Vem conquistar o coração da gente
Somos muitos! (Bis)
Por conforme a lei
Para nós, agora e sempre”!

VALORIZAÇÃO PEDAGÓGICA

Disparadores acerca das línguas indígenas, da inclusão da literatura indígena, da poesia, da música e, de como trabalhar as sócio-diversidades indígenas na sala de aula.

FOMOS E SOMOS⁸

I

QUANDO o nosso coração de
INDÍGENA era pássaro
Voávamos pôr céus e mares com TEMBETÁ fulgurante

A Terra não era de ninguém
– ERA DE TODOS
E nos habilitávamos através dos
Cantos Banhos

⁸ RIBEIRO, Ademário. **Fomos e somos**. In: Poética Poranduba – Eco Étnica. Salvador: Edição do Autor, 2001, p. 11-12.

Danças Músicas Desenhos

Ervas e Pajelanças!

II

FOMOS uma GENTE que
 Através de Monangareté -
 “Força Criadora” e seu Sopro Mágico, – Ganhávamos a VIDA!...
 FOMOS uma GENTE que se originava Num Lago Encantado
 FOMOS uma GENTE que se originava Numa Terra do Céu
 FOMOS uma GENTE que se originava Numa Pedra Grande
 FOMOS uma GENTE que
 Se originava e ressuscitava

Dos “toros” sagrados do KWARUP!

III

FOMOS uma GENTE
 Artesã - mítica - e- mística
 Que coletava - caçava - plantava
 E conhecia e CULTUAVA
 Uma Sabedoria Milenar
 E com as Marés Rios Astros Ervas Plantas

Uiaras Curupiras Heróis e Espíritos

Vivíamos em HARMONIA e
 TUDO era CULTO de VIDA!

FOMOS milhões e milhões

De irmãos distribuídos

Nas Terras do Pau-Brasi
 E puros dividíamos
 Kará Mandioka Koyá e Kauim!
 FOMOS belos e fortes e
 "DEUS" era

Mairahu Namandu Omama
 Karu- Sakaibê Ñhendevuruçu
 Nhinhó Kananciuê Mavutsinim

(nunca o azoado AUÊ do trovão "Tupã"!)

FOMOS mãos dadas pelas

ALDEIAS nas FESTAS

Para PLANTAR para COLHER e para DISTRIBUIR os FRUTOS

à Criança ao Moço à Moça ao Ancião

E nos enfeitávamos de PENAS

FLORES MEL e PICUMÃ...

IV

MAS, COBRA GRANDE

Se aliou a ANHANGÁ:

E haja caravelas cancos

Cruzes e arcabuzes!

Atarantaram os Povos de

Pindorama/Abia Yala

Em nome dos "progressos" dos reis da Coroa Portuguesa:

(Violaram - saquearam - Mistérios e Sonhos Sagrados

Inventaram – instituíram vícios

Doenças e "pecados!")

Bandeirantes, bandoleiros históricos, Roubaram e destruíram

O Império Mágico das ÁGUAS SÓIS TERRAS E ARES!

Estupraram as nossas FILHAS

Aterrorizaram as nossas CRIANÇAS

Esquartejaram os nossos MOÇOS

Humilharam os nossos AVÓS

Como nos FAROESTES!...

V

O LUCRO abriu estradas sem-fim

E nas margens de AMERINDÍGENA Pesadelavam ali-aqui-acolá

Seus FILHOS - (nossos) IRMÃOS

Embora sonhássemos Montezuma
 Che Lampião Tupac Amaru
 Sandino e Conselheiro...
 De tanto explodirem nossas cabeças
 Nas bocas dos canhões por tantas Tordesilhas e Capitánias
 O Sol e a Lua – Irmãos gêmeos – partiram ARURU para os céus!

Serpente Civilizatória
 Envenenou contra ÍNDIO:
 Juiz Cachaça UDR FUNAI grileiro

Posseiro mineiro madeireiro seringueiro

E ainda Rouba o MUNDO NOVO inteiro!

VI

SOMOS muitos os Ajuricaba
 Maroaga Marçal Sepé
 Zumbi Katari
 Ângelo Kretã e Pankararé
 Nestes CINCO SÉCULOS de RESISTÊNCIAS e EMBOSCADAS
 SOMOS muitos os dos Guetos Cárceres Canaviais Mocambos
 Sertões Cidades Quilombos Favelas
 Buscando em Saga e Vigília:
 Yby Marã-e'yma: "Terra Sem Males!"
 Por todos os já TOMBADOS e REDIVIVOS na VIDA
 Dos que ESTÃO e dos que VIRÃO:
 Abá am-iõ-te!
 "Indígena Vai Continuar de Pé!"

VALORIZAÇÃO PEDAGÓGICA

Disparar acerca das perspectivas e abordagens propostas pela Nova História Indígena, Nova Antropologia e Nova História.

O ano de 2019 foi declarado pela Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (UNESCO) **Ano Internacional das Línguas Indígenas**. Com essa intenção ela lança em site exclusivo para que em todo o mundo contribuamos para a “conscientização da necessidade urgente de se preservar, revitalizar e promover as línguas indígenas no mundo. (...) A grande maioria dessas línguas, faladas sobretudo por povos indígenas, continuarão a desaparecer em um ritmo alarmante. Sem a medida adequada para tratar dessa questão, mais línguas irão se perder, e a história, as tradições e a memória associadas a elas provocarão uma considerável redução da rica tapeçaria de diversidade linguística em todo o mundo”.

De acordo com o Censo do IBGE⁹, 2010, o Brasil, os povos indígenas somam mais de 305 etnias e falam mais de 274 línguas. E, agora Brasil, com esta diversidade linguística o que você está fazendo?!

E quanto a **Lei 11.645 de 10 de março de 2008**¹⁰ que já fez 11 anos após a sua promulgação? Ela altera a Lei 9.394 de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei 10.639, de 9 de janeiro de 2003 que obriga o ensino da História e Cultura Afro-Brasileira e inclui o ensino da(s) História(s) e Cultura(s) dos povos indígenas, na Educação Básica na rede pública e privada em todo o país. Enfim, como as escolas têm trabalhado o ensino dessa temática?

Para a segunda oficina, **A Importância das Línguas Indígenas: Urgência de sua Salvaguarda e Curiosidades do e no Idioma Tupí antigo**, deflagramos o **1º MOMENTO** com uma palestra quando tratamos sobre *a situação das línguas no mundo e, particularmente no Brasil*.

⁹ BRASIL. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)**. Censo Demográfico 2010. Disponível em: <<http://www.censo2010.ibge.gov.br>>. Acesso em: 2 janeiro, 2016.

¹⁰ BRASIL. **Lei Nº 11.645 de 10 de março de 2008**. Altera a Lei Nº 9.349 del 20 de dezembro 1996, modificada pela Lei No 10.639 del 9 de março de 2003. Diário Oficial da União, 2008. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Lei/L11645.htm>. Acesso em: 10.07.2014.

2º MOMENTO

Grupos de trabalho.

1. Oficina Koyra: “Hoje, tempo de agora”: Cantar a letra e música utilizados maracás.

Oficina Maracás: construir com caixas e grãos de milho, arroz e feijão os maracás.

Obs.: Providenciar materiais recicláveis/reaproveitáveis para sua confecção: caixas, garrafas PETs, grãos de milho, feijão e ou arroz.

2. Oficina Glossário de Topônimos em língua(s) indígena(s):

3. Registrar o que conhece de topônimos (nomes/termos) de localidades, pessoas, plantas, acidentes geográficos que sejam de origem em língua(s) indígena(s) e, identificar, qual(is) língua(s), significados e suas possíveis traduções para a língua portuguesa.

Obs.: Se possível, providenciar papel metro branco e pilotos.

3º ENCERRAMENTO (Resultados das oficinas. Todos os grupos juntos).

Exposição oral da Oficina Glossário em língua(s) indígena(s).

Exposição da Oficina de construção dos maracás que, em seguida irão compartilhar para o grupo seguinte.

Apresentação da Oficina Canto e Dança Koyra ou Jogral.

Para a segunda oficina: **Dinâmicas da Pertinência e a da Afinidade**, propomos que trabalhássemos com duas que aprendemos com o professor Daniel Silva⁷, as quais adaptamos para aqueles momentos.

Pedimos que formassem duplas e conversassem entre si, sobre:

- a) Nome;
- b) Atuação/formação;

QUADRO 1: Dinâmicas da Pertinência e Afinidade

DA PERTINÊNCIA
(Entrevista em pares sobre o que há de conhecimento em comum (pertinência) acerca da temática indígena e escrever no quadro esses dados).
•
•
•

DA AFINIDADE
(Com dados colhidos na entrevista escrever no quadro as (afinidades) sobre o que gosta e não gosta acerca da e na temática indígena).
•
•
•
•

Em seguida solicitamos que, de acordo com os textos lidos e discutidos naqueles períodos construíssem um quadro estabelecendo as relações conforme apresentamos uma sugestão abaixo:

Quadro - (Des)construindo estereótipos e novos sujeitos

ESTEREÓTIPOS/PRECONCEITOS	NOVOS SUJEITOS
1. Genérico.	1. Cada indivíduo pertence a um povo/etnia (sociodiversidades).
2. Preguiçoso.	2. Respeitar seu <i>modus operandi</i>
3. Não é gente.	3. Ser humano: animal social, racional e político.
4. Selvagem.	4. Não vive apenas na selva/floresta
5. Perigoso.	5. Às vezes nem atacado o é (mecanismo de defesa é inerente ao humano)
6. Mau.	6. Há atitudes de cordialidade, bondade e o mau surge como com qualquer ser humano atacado, pressionado, ferido, etc.
7. Bom (inocente).	7. Bom e mau como o ser humano.

	Sem maniqueísmo.
8. Só quer terra “ <i>Muita terra para pouco índio</i> ”.	8. A terra é ser elemento de maior ligação cultural (indispensável para desenvolver sua cultura): língua/identidade/sobrevivência.
9. Imundos.	9. Banham-se o dia inteiro.
10. Ladrões.	10. “Roubar” o que surge em seu território?
11. Etc.	11. Etc.

Das duas mesas redondas que, respectivamente participamos em novembro de 2018 e novembro de 2019, a primeira intitulada: **As Leis 10.639/2003 e 11.645/2008: Indígenas, Interculturalidade e Formação de Professores(as)** e a segunda: **Questões Afro-Indígenas**. Como me referi os minicursos, faço aqui a tentativa de uma síntese dessas falas nessas mesas em que, desde a minha pesquisa, tema e problema – o que discuti em uma é moto-contínuo na outra.

Em virtude das duas legislações em foco convidei a todos a ouvirem o poema **Bubuia** de nossa autoria que foi musicado e cantado pelo artista Gil Assis. Eis seu texto na íntegra:

BUBUIA¹¹

(Ademario Ribeiro)

I

Viera do Congo e Guiné

Nossa raiz ancestral

Ê, o mar rei é!

Gritamos de dor no ritual

Em milhas e milhas pelo mar:

“Ê, *calunga obá!*”

¹¹ RIBEIRO, Ademario. **BUBUIA**. In: Poética Poranduba – Eco Étnica. Salvador: Edição do Autor, 2001, p. 10.

“Ê, o mar rei é!”

II

Aqui, em Pindorama, depois Brasil,

Nossa raiz ancestral

Da mata, à beira do mar e do rio

Gritamos de dor no ritual:

Pataxó, Tupi, Tupinikim

“Aico-xe-ramuya reco bo!”

“Vivo pelos costumes dos nossos avós!”

III

Negro trabalha

Índio guerreia

Foi tanta batalha

Noss'alma ind'anseia

Cabinda Moçambique Rebola

Benguela Mina Quilombola

Tamoio Pankararé Kiriri

Tupinambá Kaaeté Guarani!...

Negro e índio se amaram

De cocares, meias-luas, enfeitados

Luas-cheias e de prata

Índio e negro, enfeitados

(cúmplices) na Luta e Fé se misturaram!

IV

De todas favelas/palmares: Galdino/Zumbi!

De todos os oprimidos: Katari/Ajuricaba

De todos os feitiços: Verger/Raoni

De todos ilês e ocas: uma só taba!

V

Moleques malungos maracás

Flautas folias folguedos

Zabumbas bambas bumbos

Guetos: guejyba mo-pu, ganzás!

VALORIZAÇÃO PEDAGÓGICA

Sugeri como a provocação do texto poético refletirmos que indígenas e negros têm lutas em comum – desde os primeiros séculos da colonização do país – tendo no elemento invasor, etnocida, genocida e traficante como o algoz determinante. Se os movimentos negros pleiteavam o ensino que fizesse valer as suas identidades, valores, histórias, culturas, cosmogonias – por outro lado os movimentos indígenas não menos queriam também. Desses desejos encaminhados separados deram nas leis 10.639/03 e 11. 645/08.

Muito vale à nossa reflexão o pensamento zapatista que anuncia de que devemos lutar por um mundo onde caibam outros mundos. O poema acima apresentado nos remete às semelhanças e cumplicidades entre indígenas e negros. Negros e indígenas: indioafros/afroindígenas. Logo eles podem ter lutas específicas e aliadas desde a:

...Oka ou Hetô ao Ilê;

Da Kijeme ou RI ao Unzó

Da Pãhãi ou Sethe ao Canzuá

Da Maloca ou Uka ao Quilombo...

Quantas às línguas indígenas como as línguas africanas – são patrimônios com marcadas e expressivas contribuições que vernaculizaram a língua portuguesa e denominaram e definiram aspectos inapagáveis da memória brasileiras! Essas relíquias estão banalizadas, apagadas, silenciadas e se extinguindo! **Bubuia** então, para além do significado do Tupí – “Deixar se levar pela corrente” – quer correr/voar/nadar/andar sem apartaides.

Ao retomar ao tema motivador desse artigo acerca da nossa participação em mesas, seminários, minicursos, palestras e oficinas conforme explanamos no início desse trabalho, em nosso caso, diretamente, tratamos do ensino da temática indígena nas escolas, as autorias indígenas e suas aportações para a implementação da Lei 11.645 no tocante aos povos indígenas.

Compreendemos que as leis não se bastam sozinhas e de urge descolonizar para desconstruirmos: afirmações, negações, questionamentos, incertezas, críticas, dúvidas, inquietudes, acusações, assim:

- Índio é coisa do passado!
- Minha avó foi pega a laço e a dente de cachorro!
- Não há nada de índio em minha família e tão pouco em mim!
- Ainda existe índio de verdade?
- Por que tanta terra para poucos índios?!
- Coitados, não posso entender porque sofrem tanto!
- Ah, suas culturas são tão exóticas!...

É. Conhecemos pouco sobre os povos indígenas. Padronizaram as imagens e representações dos indígenas. Criaram um índio genérico: milhares de indivíduos: todos homogêneos sem nenhuma informação de que povo/etnia, língua, história, geografia, cosmogonia, processos coloniais, sociais, diásporas, deslocamentos, atrações/traições, etc. Assim, os invasores carimbavam a figura/representação do indígena em seus livros, tratados, documentos oficiais e na mentalidade dos primeiros brasileiros até os dias atuais. Refletindo sobre essa representação da figura indígena sentenciam Chicangana-Bayona (2017)¹²:

Se quiserdes agora figurar um índio, bastará imaginardes um homem nu, bem conformado e proporcionado de membros, inteiramente depilado, de cabelos tosquiados como já expliquei, com lábios e faces fendidos e enfeitados de ossos e pedras verdes, com orelhas perfuradas e igualmente adornadas, de corpo pintado, coxas e pernas riscadas de preto com o suco de jenipapo, e com colares de fragmentos de conchas pendurados ao pescoço. Colocai-lhe na mão seu arco e suas flechas e o vereis retratado bem garboso ao vosso lado. Em verdade, para completar o quadro, deveis colocar junto a esses tupinambás uma de suas mulheres, com o filho preso a uma cinta de algodão e abraçando-lhe as ilhargas com as pernas (...)

¹² CHICANGANA-BAYONA, Yobenj Aucardo. **Do Apolo de Belvedere ao guerreiro tupinambá: etnografia e convenções renascentistas**. História, São Paulo, v. 25, n. 2, p.15-47, 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/his/v25n2/01.pdf>>. Acesso em: 20.04.2017.

Nesta mesma senda de pensamento Ribeiro (2019, p. 158-159)¹³ afirma: "Nossa educação é uma antiga fazedora de cópias e a estardatização dessas "xilografuras" em livros, manuais e materiais de ensino, inculcando/entortando milhões de cabeças ao longo de mais de 500 anos", e, como ele acredita que podemos (des)construir essa velha lógica através de novas perspectivas e abordagens. No que diz respeito ao ensino da temática aqui considerada Ribeiro (2019, p. 158-159), em sua dissertação de mestrado vai aprofundando o tema e problema, atento para sua compreensão:

O ensino de histórias e culturas indígenas deve vir de livros, bem como de pesquisas, estudos e entrevistas, mas deve haver algo de encantamento, de descortador, de criativo e ou curiosidade. As fontes históricas são relevantes, no entanto, devemos ter o cuidado de saber qual autor (a) é este (a), qual é o seu lugar de fala. (...) mas você tem que vir na perspectiva de uma educação comprometida com a (des)colonização, ou seja, em favor da (des)colonização do que precisa ser "desentortado". Estamos cientes dos desafios para alcançar o sucesso em meio a tantas descrenças na educação, na classe política com raras exceções é claro e, romper com os paradigmas da lógica colonialista, capitalista, ocidental e cristã e Educar para e na Diversidade!

Quanto aos ritos pela implementação da Lei 11.645 Prof. Dr. Edson Silva (2014, p. 32)¹⁴ infere que *temos poucos subsídios didáticos e ou publicações específicas/em geral são produções locais e de circulação/divulgação bastante restringida... A quantidade de subsídios reconhecidamente baixa que talvez se justifique pela complexidade e a necessidade de especialistas no trato com o tema ou pelos custos... pouca importância e prioridade que se dá ao assunto.*

Enfim, estudos, pesquisas e práticas ampliam compreensões das sociodiversidades indígenas. Necessário e urgente de que tratemos de trazer à tona, cada vez mais a perspectiva intercultural para nossas intervenções sociais, escolares e étnicas. Serão fundamentais as novas abordagens para que a escola se instrumentalize para educar para a diversidade.

¹³ RIBEIRO, Ademario. **As histórias e as culturas dos povos indígenas nos anos finais do ensino fundamental nas escolas Mbo'ehao e Kijêtxawê de Simões Filho, Estado da Bahia.** Dissertação defendida na Universidad Interamericana, PY, 2019.

¹⁴ SILVA, Edson Hely. **Ensino e sociodiversidades indígenas:** possibilidades, desafios e impasses a partir da Lei 11.645/2008. Caicó, v. 15, n. 35, p. 21-37, jul./dez. 2014. Dossiê Histórias Indígenas, 2014. Disponível em: <<https://periodicos.ufrn.br/mneme/article/viewFile/7485/5816>>. Acesso em: 10.10.2017.

Que a esferas governamentais e universidades cumpram a implementação desta legislação com: criação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnicorraciais para o Ensino das Histórias e Culturas Indígenas, que produzam e distribuam os materiais didáticos com abordagens adequadas, incluindo os de autorias indígenas, que ofereçam formações continuadas de professores nas temáticas específicas para sua posterior aplicabilidade nas escolas.

Finalizando, trataremos agora sobre o minicurso acontecido em novembro de 2019: **AUTORIAS INDÍGENAS: PRESUPOSTOS PARA A APLICABILIDADE DA TEMÁTICA INDÍGENA NA SALA DE AULA**, cuja ementa tinha como objetivo apresentar a existência, importância e pertinência da literatura produzida por escritores(as) indígenas no Brasil, base focal para a implementação da Lei 11.645/2008 e subsídios para os(as) professores(as) em exercício na Educação Básica: (Infantil, Fundamental I e II e Ensino Médio). Destina-se ainda, a graduandos que se interessam pela temática e por seu ensino, especialmente, licenciando(as) dos mais diversos cursos além do de Pedagogia.

Assim feito, desejamos que você leito(a) possa vir a ser – se não é: – um(a) aliado(a) nessa Causa!

– **Taputá!** -

“Bem-vindo!” - Em língua Patxohã.

– **Xipat oboré!**

“Tudo de bom!” - Em língua Munduruku.

– **Awiri!**

“Tudo bom!” - Em língua Karajá.

– **Bure’du po’o!**

“Muito obrigado!” - Em língua Kirirí.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)**. Censo Demográfico 2010. Disponível em: <<http://www.censo2010.ibge.gov.br>>. Acesso em: 2 janeiro, 2016.

BRASIL. **Lei Nº 11.645 de 10 de março de 2008**. Altera a Lei Nº 9.349 del 20 de dezembro 1996, modificada pela Lei No 10.639 del 9 de março de 2003. Diário Oficial da União, 2008. Disponível em:

<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Lei/L11645.htm>. Acesso em: 10.07.2014.

BRASIL. **Lei Nº 11.645 de 10 de março de 2008**. Altera a Lei Nº 9.349 de 20 de dezembro 1996, modificada pela Lei No 10.639 de 9 de março de 2003. Diário Oficial da União, 2008. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Lei/L11645.htm>. Acesso em: 10.07.2014.

CHICANGANA-BAYONA, Yobenj Aucardo. **Do Apolo de Belvedere ao guerreiro tupinambá: etnografia e convenções renascentistas**. História, São Paulo, v. 25, n. 2, p.15-47, 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/his/v25n2/01.pdf>>. Acesso em: 20.04.2017.

CRESPO, Raphael. **Você é índio de verdade?** Revista Leetra Indígena, São Paulo, v. 2, nº 2, p. 61-66, 2013. Disponível em: <https://issuu.com/grupo.leetra/docs/leetra_vol2> Acesso em: 12.12. 2017.

FREIRE, José Ribamar Bessa. **Cinco ideias equivocadas sobre o índio**. In: **Educação, cultura e relações interétnicas**/Ahyas Siso, Aloisio Jorge de Jesus Monteiro (orgs.); Amparo Villa Cupolillo... (et al.) – Rio de Janeiro: Quartet; EDUR, 2009.

RIBEIRO, Ademario. **As coisas como elas são**. In: Poética Poranduba – Eco Étnica. Salvador: Edição do Autor, 2001, p. 17.

RIBEIRO, Ademario. **BUBUIA**. In: Poética Poranduba – Eco Étnica. Salvador: Edição do Autor, 2001, p. 10.

RIBEIRO, Ademario. **Fomos e somos**. In: Poética Poranduba – Eco Étnica. Salvador: Edição do Autor, 2001, p. 11-12.

RIBEIRO, Ademario. **Koyra “Hoje, tempo de agora”**. In: Poética Poranduba – Eco Étnica. Salvador: Edição do Autor, 2001, p. 7-8. RIBEIRO, Ademario. **As histórias e as culturas dos povos indígenas nos anos finais do ensino fundamental nas escolas Mbo'ehao e Kijêtxawê de Simões Filho, Estado da Bahia**. Dissertação defendida na Universidad Interamericana, PY, 2019.

SILVA, Daniel José da. **Uma Abordagem Cognitiva ao Planejamento Estratégico**. Tese de Doutorado, Universidade de Santa Catarina, Florianópolis, 1998. Disponível em: http://www.gthidro.ufsc.br/arquivos/tese_daniel_jose_da_silva.pdf cesso em 15.09.2015.

SILVA, Edson Hely. **Ensino e sociodiversidades indígenas: possibilidades, desafios e impasses a partir da Lei 11.645/2008**. Caicó, v. 15, n. 35, p. 21-37, jul./dez. 2014. Dossiê Histórias Indígenas, 2014. Disponível em: <<https://periodicos.ufrn.br/mneme/article/viewFile/7485/5816>>. Acesso em: 10.10.2017.

Ademario Souza Ribeiro: Doutorando e Mestre em Ciências da Educação pela Universidad Interamericana (UI), Especialista em Educação, Pobreza e Desigualdade Social pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), Graduado em Pedagogia pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). Escritor, poeta, teatrólogo, ambientalista.

Raphael Fontes Cloux: Pós-Doutor (Universidade Portucalense – Portugal), Doutor (Universidade Salvador) e pela Université Paris-Est Créteil Val-de-Marne). Mestre (Universidade Salvador), Especialista (Fund. Visconde de Cairu), Graduado em História (Universidade Católica do Salvador), Editor Chefe e Membro da Editora Kawo-Kabiyesile.



This work is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).



Este trabalho está licenciado com uma Licença [Creative Commons - Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Artigo recebido para publicação em: Novembro de 2019.

Artigo aprovado para publicação em: Dezembro de 2019.